

Reunião dos Conselhos diocesanos Presbiteral e Pastoral

Ponta Delgada, 2 – 5 de Outubro de 2020

Palavra Introdutória

Caríssimos membros dos Conselhos Presbiteral e Pastoral da nossa diocese de Angra.

Começo por vos saudar e me congratular pelo trabalho de reflexão e de dinamização pastoral que através de vós se vai realizando em toda a diocese.

É a primeira vez que se juntam estes dois conselhos diocesanos para uma reflexão conjunta. O assunto justifica-o dado que estando nós empenhados na caminhada sinodal que deve mobilizar toda a diocese, sacerdotes, diáconos, religiosos e religiosas, consagrados, leigos, famílias, movimentos e serviços pastorais, de modo a promover comunidades em que todos os baptizados se sintam a participar activamente na missão da Igreja, esta reflexão em conjunto apresenta-se ainda mais enriquecedora.

A situação de pandemia que vivemos está a provocar desafios de um alcance tal que só no futuro se poderão reconhecer na sua profundidade e consequências. Agora sentimos a ruptura social, a desarticulação das nossas comunidades, o desemprego, a fome e a exclusão. Porém, esta realidade dramática proporcionará um novo rosto da sociedade que só será mais humanizador se tiver o fermento do Evangelho.

Por isso, também na dimensão evangelizadora, a nova evangelização que responde a um novo mundo emergente, se torna agora ainda mais premente. A nova cultura e a nova civilização estão a reclamar a proposta do Evangelho que exige um rosto sinodal das nossas comunidades cristãs.

Temos perante nós três problemáticas que a partir da análise da realidade da cultura envolvente, da sociedade a que pertencemos e da Igreja que somos, descobrimos à luz do Evangelho e da doutrina conciliar os Sinais dos Tempos com os quais Deus nos quer falar e interpelar. Na

verdade, a par com a Sagrada Escritura, a Tradição Viva da Igreja e o Magistério, fontes de revelação divina, o Concílio Ecuménico Vaticano II, acrescentou com grande ênfase o que apelidou de Sinais dos Tempos.

Estes Sinais são por vezes ambíguos, muito nebulosos e quantas vezes plenos de perplexidades. Por isso, exige-se um aprofundamento que tem de contar com a luz nova do Espírito de Deus, um clima de interioridade e de oração, valorização da Palavra de Deus e a vivência e partilha comunitária onde Jesus Cristo continua a estar presente e a iluminar a inteligência e o coração dos seus discípulos.

Porque estamos perante realidades novas seja a nível cultural, seja a nível social, seja a nível eclesial, é obrigação da Igreja diocesana, de acordo com o incentivo dado pelo Papa Francisco, congregar todos os baptizados e propor-lhes uma caminhada em conjunto a que chamamos caminhada sinodal. Ela está a acontecer em muitas dioceses e sectores da vida da Igreja e nós, na fidelidade a Jesus Cristo, presente na Sua Igreja, não poderemos desperdiçar esta hora de graça e de esperança.

Permitam-me que vos apele para um verdadeiro espírito de reconhecimento pela graça deste tempo e para o projecto de Esperança que os desafios desta época nos lançam.

Mas para esta atitude positiva teremos de nos situar no interior do Evangelho, na intimidade com Jesus Cristo, na comunhão partilha e participação comunitária e na lúcida interpretação dos Sinais dos Tempos.

Urge reconhecermos que estamos a viver tempos novos a quem muitos pensadores já chama de uma nova etapa da história da humanidade, uma nova cultura e o albor de uma nova civilização.

Impõe-se recordar as palavras do Papa Francisco que dirigiu aos Cardeais na alocução de Natal do passado ano, ao sublinhar que «estamos a viver, não simplesmente uma época de mudanças, mas uma mudança de época. Encontramo-nos, portanto, num daqueles momentos em que as mudanças já não são lineares, mas epocais; constituem opções que transformam rapidamente o modo de viver, de se relacionar, de comunicar e elaborar o pensamento, de comunicar entre as gerações

humanas e de compreender e viver a fé e a ciência. Muitas vezes acontece viver a mudança limitando-se a envergar um vestido novo e, depois, permanecer como se era antes».

E, num outro passo, lança desafios ainda mais provocantes ao referir que «efectivamente as populações que ainda não receberam o anúncio do Evangelho não vivem apenas nos Continentes não ocidentais, mas habitam em toda parte, especialmente nas enormes concentrações urbanas, requerendo também elas uma pastoral específica».

Na verdade, prossegue, «nas grandes cidades, precisamos de outros “mapas”, outros paradigmas, que nos ajudem a situar novamente os nossos modos de pensar e as nossas atitudes: já não estamos, irmãos e irmãs, na cristandade!».

De facto, realça, «hoje, já não somos os únicos que produzem cultura, nem os primeiros nem os mais ouvidos».

E, conclui, afirmando que «por isso precisamos duma mudança de mentalidade pastoral, o que não significa passar para uma pastoral relativista. Já não estamos num regime de cristandade, porque a fé – especialmente na Europa, mas também em grande parte do Ocidente – já não constitui um pressuposto óbvio da vida habitual; na verdade, muitas vezes é negada, depreciada, marginalizada e ridicularizada».

Verdades que incomodam, que conhecemos e sentimos, mas que nem sempre temos em conta na renovação pastoral que se impõe.

José António Pagola, teólogo de Espanha, num artigo publicado na *Vida Nueva* (11-17 Janeiro de 2020) nº 2, com o título «recuperar Jesus como Mestre interior – Leitura Orante do Evangelho», chama a este tempo «a hora da verdade» e acrescenta: «não podemos ignorar que isso que chamamos crise do cristianismo é, ao mesmo tempo um grande sinal do nosso tempo, mesmo que o não saibamos ler com espírito profético».

Aliás, prossegue, «Deus está a levar a Igreja para uma situação nova, contra a nossa vontade. A história está a despojar a Igreja de poder, de prestígio e de seguranças mundanas».

Segundo as suas palavras, «dentro de poucas décadas a Igreja será mais pequena, mais pobre e mais débil. Conhecerá na sua própria carne o que significa ser perdedora e viver marginalizada».

Mas, sublinha também este autor, «só a partir dessa pobreza aprenderá a dar passos humildes para a sua conversão».

Refere, ainda, segundo ele, «estou convencido de que essas pequenas comunidades buscarão a Deus com mais verdade do que nós, e no meio de uma sociedade que O declarará uma vez mais como morto, encontrá-Lo-ão onde estive e estará sempre: no mais profundo do ser humano».

Este mesmo autor, ao falar da renovação do cristianismo actual, refere, num dado passo que «não podemos esquecer a tentação, sempre latente na Igreja, de seguir fazendo o que sempre se fez (...) É a tentação de tratar sobreviver sem promover em nós conversão alguma».

Esta atitude é apelidada por ele de medíocre e dramática porque busca também agora o que de momento parece eficaz desentendendo-se do futuro.

Denuncia-se, então, que hoje na Igreja continuam a predominar «com toda a boa vontade (que não se podem negar) o ritualismo, o legalismo, a burocracia e o continuar a seguir, com uma resignação e um tédio cada vez maiores pelos carris habituais da mediocridade».

Neste contexto poderemos citar as palavras do Papa Francisco com as quais descreve o seu sonho missionário para a Igreja e denuncia a inércia pastoral sublinhando «sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo actual que à auto-preservação» (EG, 27).

Já um pároco da diocese de Burgos, Jesus André Vicente Domingo, igualmente num artigo publicado na Vida Nueva (1-7 de Fevereiro de 2020), ao referir-se ao novo rosto da Igreja e à sua nova configuração que terá de ser obra do Espírito Santo, apresenta um conjunto de traços que eu transcrevo: uma igreja sinodal, em caminho, sem protagonismos paralisantes; um laicado de homens e mulheres apaixonados por Cristo, em igualdade de dignidade e responsabilidades, intimamente ligados à

Igreja e ao mundo de hoje; um exercício do Magistério que se coloca na escuta da fé do Povo de Deus nas circunstâncias de mudanças históricas. Sem esquecer o correcto ensino do depósito da fé, o seu serviço principal há-de ser de iluminação e discernimento, para evitar bloqueios e erros na caminhada comum; um desempenho do ministério apostólico (papa, bispos, presbíteros e diáconos) cada vez mais centrado no essencial do que lhes é próprio; uma pluralidade de carismas suscitada pelo Espírito; opção preferencial pelos pobres e pela ecologia integral; uma liturgia e vida sacramental que sejam expressão do encontro com Cristo e com os irmãos; uma espiritualidade centrada em Jesus Cristo; proporcionar o encontro pessoal e a comunhão com Jesus Cristo; testemunho de fraternidade no meio do mundo.

Enriquece ainda o nosso trabalho de reflexão o Documento da Congregação para o Clero, publicado em Junho passado, a que tendes acesso e que serve para nos guiar com segurança nos trilhos da Nova Evangelização e de resposta pastoral nos tempos em que vivemos.

Temos perante nós um trabalho de reflexão muito importante. Peço-vos que cada um apresente a sua reflexão sem qualquer constrangimentos e com o sentido de estamos a contribuir para o melhor bem na abertura de caminhos de pastoral renovados para a nossa diocese.

Contudo, nesta mesma sessão, teremos de reservar tempo para projectarmos a reflexão que se seguirá a esta etapa. Depois de feita a análise da realidade a que chamados sinais dos tempos, teremos de fazer emergir os desafios que nos levam a propor os traços fundamentais do rosto da nossa Igreja para que seja evangelizadora, missionária, em permanente diálogo com o mundo, comunitária e participativa em todos os seus membros, integradora, pobre entre os pobres, que escuta o grito dos que sofrem, promotora da verdadeira e integral ecologia.

Sob a protecção de Nossa Senhora, Mãe e Rainha dos Açores, e do nosso Padroeiro, O Beato João Baptista Machado, coloco os nossos trabalhos, as nossas aspirações e projectos.

Bom trabalho!

+João Lavrador, Bispo de Angra e Ilhas dos Açores